

# Momento contundente do discurso: a crítica à concentração de poderes

BRASÍLIA — Sob aplausos de significativa parcela dos que ouviam seu discurso de candidato à liderança do PMDB na Constituinte, o Senador Mário Covas pediu ontem ao Deputado Ulysses Guimarães que renuncie à Presidência do partido em favor de um político com mais disponibilidade. Muitos Parlamentares identificaram Covas como um bom nome para ocupar o cargo. O Senador lembrou a Ulysses, que presidia a reunião, que o PMDB já manifestou-se diversas vezes contra a concentração de poderes nas suas mãos.

Esse foi o momento mais contundente do pronunciamento do Senador que, para muitos, poderia, àquela altura, reverter as expectativas de vitória de Luiz Henrique na disputa. Covas também contestou a legitimidade da candidatura de Luiz Henrique porque, além de acumular duas lideranças, ainda é membro do Conselho Político do Governo.

— Entre um homem mais capaz (referindo-se a Ulysses) e um mais disponível, precisamos neste momento do mais disponível — disse o Senador.

Covas foi veemente na crítica à condução dos principais temas do partido e indagou a Ulysses e ao plenário o motivo que levou o PMDB a aceitar a discussão da soberania da Assembleia Nacional Constituinte. Ele falava do Regimento Interno redigido pelo Senador Fernando Henrique Cardoso, sentado à mesa que dirigia a sessão de eleição.



Covas e Luiz Henrique: no fim, o abraço

— Soberania é como a liberdade, não se escreve em regimentos, não se discute. A gente a possui ou não. O meu espírito político me diz que a Constituinte é soberana, tudo pode. Mas meu instinto político me diz que ela nem tudo deve. Então porque discutir soberania? — indagou.

O Senador citou como má condução da bancada por Ulysses a eleição da Mesa da Câmara antes da Mesa da Constituinte. Ele disse que a bancada havia anteriormente decidido o contrário, exatamente num voto contra a concentração de poderes no PMDB, mas que sem qualquer explicação o calendário foi invertido. Para Covas, naquela ocasião enxergava-se claramente um protesto ainda

contra a posição dúbia do PMDB no Governo, atribuída à direção de Ulysses Guimarães.

Nesse sentido, ele pregou que a Aliança Democrática caminhe dividida na Constituinte. Para ele, PMDB e PFL são completamente distintos no conteúdo programático e que esta é mais uma razão para que as lideranças sejam independentes em todos os setores.

— O cimento que nos deve unir na Constituinte é o partido e este é o espírito doutrinário de minha candidatura — resumiu Covas.

Aplaudido demoradamente quando explicou não temer riscos na sua disposição de enfrentar a candidatura dada como oficial no partido, Covas afirmou: “Não é desonra perder para um homem como Luiz Henrique e seria muito mais cômodo pendurar meu diploma no gabinete e lavar as mãos”.

Ao rebater as acusações de que sua candidatura teria inspirações extracongressuais, Covas lembrou seu passado no partido.

— Minha vida política não é melhor do que a de ninguém — afirmou o Senador —, mas não posso aceitar essa acusação depois de ver o partido nascer e ter liderado homens ilustres como Tancredo Neves e Ulysses Guimarães. Lembro de Martins Rodrigues, Edgar da Mata Machado, Pedrosa Horta, homens que tinham sintonia com a verdade. Convivi com homens cujos ossos foram recobrados agora, como Rubens Paiva. Mas acima de tudo, convivi com o símbolo da resistência, Ulysses Guimarães, a quem devo dizer que discordo quando acumula a Presidência do partido.